

Capitalismo e sua Geografia: uma entrevista com David Harvey

Adriane de Sousa Camargo
USP

p. 469-475

Como citar este artigo:

CAMARGO, A. S. Capitalismo e sua Geografia: uma entrevista com David Harvey. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 22, n. 2, p. 469-475, mês. 2018. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/146741>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2018.146741>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 22 • nº 2 (2018)

ISSN 2179-0892

Capitalismo e sua Geografia: uma entrevista com David Harvey¹

Trad.: Adriane Camargo²

Rev. trad.: Dr^a Marta Inez Medeiros Marques

Resumo

Esta entrevista foi concedida em 13 de julho de 2017 na cidade de Nova York (Estados Unidos), durante meu estágio doutoral no Center for Place, Culture and Politics (CPCP) da City University of New York – Graduate Center (CUNY-GC), sob orientação no exterior do Prof. David Harvey. Ainda que marcadamente panorâmica, o objetivo da entrevista foi lançar luz sobre um recente momento da trajetória teórica do autor no tocante a sua elaboração interpretativa e analítica do processo de expansão global do capitalismo em sua fase neoliberal. O professor também discorre sobre o entrelaçamento de sua vida pessoal e acadêmica, o papel da Geografia Crítica e a atualidade de Marx, entre outros temas caros à Geografia e ao Marxismo. Trata-se, por fim, de um convite à reflexão sobre aspectos políticos, econômicos, sociais a partir de problematizações e desafios postos pelos processos geográficos das atuais formas de acumulação do capital.

Abstract

This interview was held in July 13, 2017 during my period of stay as Visiting Scholar at Center for Place, Culture and Politics (CPCP) of The City University of New York – Graduate Center (CUNY-GC) located in New York (United States), under the formal supervision of Professor David Harvey. Although markedly panoramic, the purpose was to shed light on a recent moment in the author's theoretical trajectory regarding his interpretative and analytical elaboration of the process of global expansion of capitalism in its neoliberal phase. The professor also discusses the intertwining of his personal and academic life, the fundamental role of Critical Geography, Marx's actuality, among other themes valued by Geography and Marxism. Finally, it is an invitation to reflect upon political, economic and social aspects from the problematics and challenges put by current forms of capital accumulation in its geographical processes.

1 Esta entrevista integra a pesquisa de doutorado realizada com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no âmbito do Programa de Excelência Acadêmica (Proex) Pós-Graduação em Geografia Humana, sob orientação da Prof^a Dr^a Marta Inez Medeiros Marques, e pelo Programa de Doutorado Sanduíche (PDSE) Capes – Processo nº 88881.135050/2016-01, sob orientação no exterior do Prof. Dr. David Harvey.

2 Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Agradeço a gentileza da MSc. Fernanda Aires Bombardi pela leitura atenta e generosa.

Geógrafo marxista britânico e um dos mais renomados teóricos sociais contemporâneos, David Harvey foi professor de geografia nas universidades Johns Hopkins (Estados Unidos) e Oxford (Inglaterra) e atualmente é professor emérito do Departamento de Antropologia da City University of New York. Internacionalmente reconhecido por sua análise geográfica das dinâmicas globais do capital, é autor de diversas obras de referência, entre elas, *Os limites do capital* (*The Limits to Capital*), *O novo imperialismo* (*The New Imperialism*) e *O neoliberalismo* (*A Brief History of Neoliberalism*). Nessas obras, o professor desenvolve um sólido constructo teórico para a análise da questão da sobrevivência do capitalismo à luz de novas formas de produção e uso do espaço global.

O entrelaçamento de sua trajetória pessoal e acadêmica e o papel da Geografia Crítica no uso dos conhecimentos geográficos para fins progressistas são alguns dos temas abordados por Harvey na entrevista. O professor também trata da atualidade de *O capital*, de Karl Marx, para a análise dos processos espaciais contemporâneos e criticar o desprezo de seus conceitos sem um estudo aprofundado por parte dos intelectuais. “Acho imperdoável”, diz ele em um trecho.

Autor de uma farta produção acadêmica, com edições traduzidas em diversos idiomas, suas reflexões espelham seu mais profundo compromisso social com as formas de resistência ao capitalismo. Com o objetivo de desvelar os processos espaciais decorrentes das relações do modo capitalista de produção, suas ideias iluminam criticamente as novas formas de acumulação do capital. Suas análises do espaço não se limitam à geografia, mas fundamentam-se ainda em elementos das relações internacionais, da economia, da política, o que também justifica a recepção de suas reflexões por leitores de distintas áreas do conhecimento.

Nos últimos anos, David Harvey tem se concentrado na popularização do pensamento de Karl Marx, e se “preocupado mais com a pedagogia de maneira mais geral, escrevendo de um modo que seja acessível (espero) para um público mais amplo”, sublinha ele. Tal esforço tem se concentrado principalmente na divulgação de materiais na *internet*, bem como na publicação de textos auxiliares, como os *Para entender o Capital* (*A Companion to Marx's Capital*).

Durante a realização do meu estágio doutoral na City University of New York, sob sua coorientação, David Harvey concordou prontamente em me conceder esta entrevista. Realizada por e-mail, por escolha do próprio professor, e originalmente no idioma inglês, as respostas são do dia 13 de julho de 2017. As questões aqui elencadas são parte das inquietações acadêmicas presentes em minha pesquisa de doutorado e tratam sobretudo de temas relativos a sua obra *O novo imperialismo* e ao que o professor denominou “subimperialismo”, questões essas que motivaram meu estágio na CUNY.

Ao chegar a Nova York, encontro Harvey num momento que considero importante em sua trajetória teórica, como explicarei a seguir. A Teoria do Desenvolvimento Geográfico Desigual, cuja referência fundamental é ele próprio, está presente em suas obras desde a publicação de *Os limites do capital*, em 1982. Trata-se de um esforço de pensar, a partir da Geografia, a Teoria do Desenvolvimento Desigual de Lênin, e as contribuições teóricas de Trotsky na Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado.

Teoria também presente em *O novo imperialismo*, ela é parte integrante de seu arcabouço teórico de análise do imperialismo. Entretanto, essa correlação entre a Teoria do Imperialismo e a Teoria do Desenvolvimento Geográfico Desigual presente na obra citada não mais existia para o Harvey que encontrei. Sua elaboração interpretativa e analítica do processo de expansão global do capitalismo havia se transformado. Refinou-se.

Esse fato veio à tona no evento de lançamento da obra *A Theory of Imperialism*, de Prabhat Patnaik, organizado pela The New School for Social Research, que ocorreu em 1 de maio de 2017 no University Center da The New School, também em Nova York. Sob o tema “Imperialismo: é ainda um conceito relevante?” (*Imperialism: Is it Still a Relevant Concept?*), o professor declara no momento final de sua fala: “Se falamos de imperialismo, apenas reconhecamos que é uma espécie de metáfora e não algo muito real” (informação verbal)³. Tratava-se de uma reflexão totalmente nova do autor. “Isso pode parecer estranho para vocês, porque eu escrevi, em 2003, um livro chamado *O novo imperialismo*”⁴.

Fiquei atônita.

É nesse contexto que a entrevista é pensada e formulada. Um contexto de novidade e curiosidade teórico-acadêmica. Senti-me instigada. Espero que minhas motivações também estimulem outros tantos leitores que se interessam pelas temáticas que o professor Harvey tão proficuamente aborda em suas obras.

Eis a entrevista traduzida na íntegra.

Adriane Camargo (AC): *Partindo da perspectiva de que o lugar onde nascemos influencia o modo como vemos o mundo, seria interessante começar perguntando: onde você nasceu e cresceu? De que modo você pensa que ter nascido e crescido nesse lugar o ajudou a construir sua forma de pensar o mundo?*

David Harvey (DH): Havia e ainda há uma tradição, entre as classes trabalhadoras britânicas, de aproveitar todas as oportunidades possíveis para deixar a cidade industrial para trás e passar momentos de lazer no campo. Fui criado nesse ambiente, durante a Segunda Guerra Mundial, antes da chegada do automóvel. Mais tarde, quando adolescente, eu pegava minha bicicleta e explorava as ruas e as colinas ao redor de onde eu morava, no condado de Kent, e passei a apreciar as formas da paisagem, os sinais de formas antigas de ocupação e adições mais recentes. A simbiose de condições na natureza e dos impactos das atividades humanas sobre a terra era evidente em todos os lugares que fui e eu comecei a amá-la e apreciá-la. As formas expressivas de poetas românticos como Wordsworth, Keats e Shelly e as peças pastorais de Shakespeare formaram um paralelo intelectual do qual eu extraí o hábito de sempre querer fundamentar conhecimentos intelectuais e culturais na experiência tátil e sensorial da terra. Isso foi o que me levou a uma imaginação geográfica e ao estudo da Geografia na escola e, subsequentemente, na universidade.

3 “If we talk about imperialism just recognize it’s a sort of metaphor rather anything very real” (tradução nossa). Afirmação do professor David Harvey durante exposição oral no evento “Imperialism: Is it Still a Relevant Concept?”, em Nova York, em maio de 2017. O evento foi transmitido ao vivo pela *internet*, tendo sido o vídeo publicado no canal da The New School no Youtube no dia 10 do mesmo mês. Para acessá-lo na íntegra, visite o *website* do canal, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nRvcGPIALvI>, acesso em: 13 maio 2018.

4 “That may sound odd to you because I wrote a book, in 2003, called *The New Imperialism* [...]” (tradução nossa).

AC: *O que o levou à Geografia? Durante seus anos como aluno de graduação, qual literatura mais o influenciou? Você poderia dizer se há continuidades ou persistências temáticas entre seu interesse acadêmico da época e o de agora?*

DH: Há muito que apreciava a evolução histórica da paisagem em que vivi e, por isso, fui atraído para o estudo da geografia histórica, o que, para mim, significava compreender os processos que estavam constantemente a moldar e a remodelar a paisagem ao longo de um longo período de tempo. Fiquei particularmente atraído pelas transformações ocorridas em Kent durante o século XIX e escrevi meu trabalho de conclusão de curso da graduação e, por fim, minha tese de doutorado sobre esse assunto. Rapidamente, entendi que não conseguiria compreender o que havia acontecido no lugar que estava estudando sem reconhecer os impactos das transformações das relações espaciais (a chegada das ferrovias em particular) e, a partir daí, essa conectividade entre a formação do lugar e as relações espaciais estava firmemente estabelecida em minha mente. Nesse sentido, fluxos de mercadorias tinham de ser acompanhados por fluxos de dinheiro e crédito, que tornaram aquilo que acontecia em Kent vulnerável ao que estava acontecendo nos mercados financeiros de Londres. Eu me referi a esse aspecto na conclusão do segundo volume de meu livro *Para entender O Capital (A Companion to Marx's Capital)*. Os agricultores de Kent começaram a produzir frutos para fazer as conservas que as classes trabalhadoras industriais poderiam consumir (pão e geleia). Isso significava que os fazendeiros de Kent se conectavam com os proprietários de plantações de açúcar das Índias Ocidentais, porque o açúcar barato era vital para o mercado de frutas do condado de Kent. Mas como funcionariam as fábricas de geleia quando a temporada de frutas acabasse? Laranjas amargas da Espanha foram a resposta para o gosto da classe trabalhadora britânica por geleia de laranja amarga. As laranjas amadureciam em janeiro e, assim, foi possível manter o capital fixo das fábricas de conservas totalmente empregado durante todo o ano. Até hoje, muitas pessoas que conheço na Inglaterra fazem sua própria geleia de laranja em janeiro. Nessa história, a reprodução das classes trabalhadoras, as condições do capital fixo e as relações espaciais na produção se conjugam.

AC: *Numa perspectiva histórica, a afirmação da Geografia como disciplina científica esteve atrelada à produção do conhecimento colonial e imperialista. Que instrumentais essa produção geográfica lhe ofereceu para a conformação de seu próprio pensamento crítico?*

DH: A geografia não é, por definição, colonialista ou imperialista. É uma forma de conhecimento e de saber que pode ser usada por diferentes forças de classe para diferentes propósitos – por exemplo, revolução ou controle social. A história da geografia é dominada, é verdade, pelos interesses do poder colonial, imperial, estatal e da classe capitalista. É tarefa dos profissionais radicais criticar esses usos e abrir caminhos nos quais movimentos populares e de lutas anticolonialistas, anti-imperialistas e anticapitalistas também possam fazer uso de seus próprios e distintos conhecimentos geográficos para propósitos progressistas. Os movimentos reformistas (como as reformas agrárias) forneceram muitos exemplos de aplicações progressistas e democráticas dos conhecimentos geográficos. As populações indígenas também nos fornecem muitos exemplos de geografias, relações socioespaciais alternativas e relações com a natureza às quais podemos recorrer para formular estratégias anticapitalistas.

AC: *Há quase 40 anos você dá aulas sobre O capital, de Karl Marx. O que ainda o instiga a pensar e analisar os processos do capital no início do século XXI a partir da perspectiva de um autor que pensou o capital no século XIX? Qual é a atualidade do pensamento dele na análise dos processos espaciais contemporâneos?*

DH: Marx fornece a base para uma compreensão crítica dos processos de acumulação de capital e, como tal, é indispensável para nos ajudar a entender o capitalismo, que é mais dominante do que nunca em todo o mundo. Acho imperdoável que os intelectuais em geral e os economistas, em particular, ignorem deliberadamente Marx e rejeitem suas descobertas sem estudá-las cuidadosamente. É claro que Marx nem sempre está certo, mas ele estabelece uma base incrivelmente robusta para uma compreensão crítica das contradições do capital.

AC: *Desde a década de 1960, autores como John Friedmann, Ernest Cassirer e Henry Lefebvre já apontavam o papel do capital no dinâmico processo de produção e reprodução do espaço. De que modo suas reflexões sobre esse processo são continuidades e rupturas em relação a essa literatura?*

DH: Eu vejo uma ampla continuidade e muita semelhança no trabalho que foi dedicado a entender a produção e estruturação do espaço e do lugar para fins sociais, mas, novamente, esse conhecimento pode ser aplicado com propósitos políticos radicalmente diferentes. A geografia crítica tem que confrontar esses usos e encontrar maneiras de adaptar esses conhecimentos às causas progressistas.

AC: *Em 2003, com a publicação de O novo imperialismo, você traz uma poderosa contribuição para se pensar a sobrevivência do capitalismo por meio de certa forma de produção e uso do espaço e, fazendo isso, reavivou o debate em torno do imperialismo, tanto o teórico quanto o real. A opção de resgatar um conceito do início do século XX, para analisar as atuais relações espaciais do capitalismo no início do século XXI, sugere que estamos presenciando um momento histórico de continuidade, e até mesmo de novidade, de um processo já identificado anteriormente. O que há de contínuo e o que há de novo? E como essas continuidade e novidade se expressam geograficamente no movimento simultâneo e dialético da lógica territorial e da lógica capitalista de poder identificado por Arrighi?*

DH: Eu não pretendia que *O novo imperialismo* fosse uma reprise do imperialismo que foi o foco de Lenin, Hilferding, Kautsky, Luxemburgo e muitos outros que escreveram no início do século XX. No final da década de 1990, o movimento denominado “neoconservador” começou a formular a ideia de um “novo século americano”, que seria explicitamente imperialista. Isso levou à invasão do Iraque, que se provou desastrosa, cujas consequências ainda estão conosco. Fiquei profundamente chateado com a Guerra do Iraque. Eu queria criticar a teoria neoconservadora. Mas, ao mesmo tempo, parecia importante reconhecer os tipos de mudança hegemônica (sobre os quais Arrighi escreveu em sua análise das relações geopolíticas) e o que estava acontecendo por meio da financeirização e da globalização no mercado mundial a partir da década de 1970. Esse imperialismo que emergiu foi específico do neoliberalismo, sobre o qual escrevi posteriormente.

AC: Ainda em *O novo imperialismo*, você identifica, mas não desenvolve, um novo processo relativo à inserção competitiva de novos centros em desenvolvimento de acumulação de capital na dinâmica global de acumulação, ou seja, aquilo que denominou subimperialismo. Quais processos você identificou no imperialismo, mas não no subimperialismo, a ponto de adicionar aspas ao conceito? Dado que são processos diferenciados, ainda que parte integrante de um processo mais amplo de expansão geográfica do capitalismo, quais seriam as características diferenciais do subimperialismo? Qual o espaço da acumulação por despossessão nesse processo?

DH: Eu já havia identificado um processo nas contradições internas do capitalismo que denominei “ajuste espacial” (*spatial fix*). Esse processo implicava a exportação de capital e desenvolvimento capitalista para outros espaços como um meio de aliviar o persistente problema da sobreacumulação de capital. A exportação de capital previa, contudo, investimentos em infraestruturas que eram fixas em um sentido diferente (fixas à terra)⁵. A expansão geográfica generalizada e a difusão do capital e do desenvolvimento capitalista estavam definindo um novo tipo de imperialismo de tal forma que múltiplos grupos foram envolvidos na exportação de capital. No contexto do novo imperialismo, estes poderiam ser abordados como algo bastante semelhante a “subimperialismo”, como, por exemplo, o Japão, depois a Coreia do Sul, em seguida Taiwan e mais recentemente a China começaram a usar o capital sobreacumulado internamente para buscar possibilidades de investimento no exterior.

AC: Dois anos depois de *O novo imperialismo*, foi publicado o livro *O neoliberalismo: história e implicações*. Neste último, você está mais focado nas forças de classe envolvidas na reestruturação do sistema capitalista global, reconhecendo, mais explicitamente que outrora, o papel fundamental das alianças entre poderes de classe internos e externos ao Estado. Do seu ponto de vista, qual seria a relação entre o neoliberalismo e o imperialismo? E como essas alianças classistas reafirmam essa relação?

DH: Se o neoliberalismo era sobre disciplinar o trabalho, então uma das maneiras de fazê-lo era abrir a competição entre as diferentes forças de trabalho no mundo e isso demandou um capitalismo mais fluido, capaz de invadir e saquear, sem restrições, os territórios do mundo. Nesse aspecto, o elemento espacial e geográfico era essencial e o neoliberalismo estava muito relacionado à abertura dessas possibilidades geográficas. Não estou entusiasmado em chamar isso de “imperialismo” porque era muito diferente do que havia no início do século XX. Prefiro analisar geograficamente esse processo como formas desiguais de desenvolvimento geográfico, em que regiões ricas geralmente tornam-se mais ricas e regiões pobres empobrecem, mitigadas por estruturas de absorção de capital excedente em novos espaços.

5 Nota da revisora: Harvey se vale do duplo sentido do termo *fix* em inglês – fixar e reparar ou arrumar – em sua teoria sobre o ajuste espacial (*spatial fix*). Na primeira frase, ele se refere ao sentido de solução espacial por meio da exportação de capitais, e aí ao sentido de fixação, por isso fala em “um sentido diferente”.

AC: *Como você analisa os novos arranjos geopolíticos globais, em que países como a China ou o Brasil assumem uma presença mais proeminente, tal como na África? Qual é o papel desses arranjos na dinâmica global da acumulação? Constituem eles um sopro de sobrevivência para o capitalismo?*

DH: Essas são consequências típicas da busca persistente por um ajuste espacial para a tendência do capital de produzir mais e mais capital excedente.

AC: *A atuação de movimentos sociais também não tem fugido do seu radar de interesse. Inúmeras são as vezes em que você ilumina a questão em suas obras, seja em *O novo imperialismo* ou em *Cidades rebeldes*, entre outras. Como você pensa a relação entre os intelectuais e os movimentos sociais? E, tendo isso em mente, como tem sido sua atuação?*

DH: Eu estou principalmente focado na teoria do capital, mas obviamente isso implica prestar atenção às formas de resistência, enquanto um compromisso com o anticapitalismo implica pensar em formas de organização antagônicas. Quando em Baltimore, eu trabalhei muito com os movimentos sociais, mas nos últimos anos tenho me preocupado mais com a pedagogia de maneira mais geral, escrevendo de um modo que seja acessível (espero) para um público mais amplo, colocando materiais na *internet*, ministrando palestras acadêmicas e falas dirigidas ao grande público sempre que posso, escrevendo livros e guias (como *Para entender o capital*) e apoiando vários movimentos sociais. Mas, neste momento, não estou especificamente ativo em nenhum movimento em particular.

AC: *Minha última questão. Diante da injusta distribuição de renda e da riqueza, no contexto atual de crises financeira, ambiental, geopolítica e da democracia, você considera que estamos diante de uma crise definitiva do capitalismo? O capitalismo chegou ao seu limite? Como vem pensando sobre a possibilidade de um mundo pós-capitalista?*

DH: O capitalismo não tem limite absoluto e, de certa forma, isso é um problema. Mas taxa composta de crescimento, questões ambientais generalizadas, o que chamo de alienação universal, torna difícil imaginar um futuro para o capital que não seja estressante, prejudicial, perigoso e destrutivo. Nós fizemos do capitalismo o que é e agora temos que desfazê-lo e nos concentrar na construção de uma alternativa. Isso exigirá um notável esforço coletivo que, até o momento, ainda não foi criado.
